



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

História de renascimentos

Enquanto o mundo explode, eu faço uma varredura em busca de histórias e fatos alentadores. E tanto procurei que encontrei, em matéria do portal deutschland.de, sobre o nosso mestre da fotografia e da vida Sebastião Salgado. Depois de viajar até Ruanda, para fazer uma série de fotos sobre um dos conflitos mais sangrentos do século 20, ele voltou devastado pelas cenas de atrocidades que viu por lá a ponto de sentir vergonha de pertencer à espécie humana.

Na verdade, o trauma foi tão grave que Sebastião ficou aterrado, em profundo es-

tado de depressão, doente do corpo e da alma. Em busca de um pouco de sanidade, ele resolveu se refugiar na fazenda dos pais, onde passou a infância, em Aimorés, interior de Minas Gerais, com a memória viva da floresta tropical que impregnava a região.

Só que, para novo choque, quando retornou, em vez de floresta tropical, ele se deparou com uma paisagem deteriorada, infértil e esgotada. A princípio, pensou em semear grama e criar gado, como fizera seu pai. No entanto, Lélia, a mulher de Sebastião, refutou a proposta e sentenciou: “Temos que replantar a floresta que estava aqui antes”.

Com esse objetivo, Sebastião Salgado registrou mais de 600 hectares do local como uma reserva natural privada e fundou a organização não governamental Instituto Terra em 1998 para administrá-la. Des-

de 2023, o apoio à organização vem da Alemanha, por meio do Instituto de Crédito para Reconstrução (KfW).

Não foi um deslizar de lança sobre camélias, diria Carlos Drummond de Andrade. No início, eles enfrentaram empecilhos desanimadores, pois 60% das mudas morreram. Por falta de chuvas e de nutrientes, a terra estava estéril. No entanto, o investimento e a persistência deram frutos e, 26 anos depois, as colinas da Fazenda Bulcão foram reflorestadas e se desdobraram em uma série de outros projetos.

As nascentes desprotegidas pelo sol e pelo gado renasceram. O Instituto Terra “plantou” mais de 2 mil nascentes, quer dizer, reflorestou e recompôs a vegetação nativa na área vizinha às nascentes, até que comessem a brotar água novamente: “A vida voltou, insetos, pássaros, os primeiros mamíferos e, com a vida na

fazenda, minha vontade de viver também voltou”, diz Sebastião Salgado em reportagem da Rede Globo.

O projeto é financiado com recursos do KfW, no valor de 13 milhões de euros e consta do reflorestamento de mais de 2.200 hectares de vegetação florestal, da reativação de 2 mil nascentes e cursos d’água e de um programa de educação. Um dos desafios é convencer os agricultores da região do benefício da reabilitação das nascentes, pois é preciso resguardar algumas áreas que ficam inaptas para a produção. A meta é introduzir áreas agroflorestais, que melhoram o nível hídrico e geram rendimentos para os agricultores.

O sonho de Sebastião Salgado e Lélia era ver 3.600 nascentes brotando novamente. O desafio é grande, pois cobre uma área de 90 mil quilômetros quadrados, quase o tamanho de Portugal. É um

projeto para 30 anos, um presente para o futuro das gerações. “Nos dias de hoje, precisamos simplesmente de plantar árvores e viver em paz no mundo”, disse Sebastião Salgado em entrevista ao programa especial da Rede Globo, sem saber que o mundo estaria mergulhado em novas guerras.

Mas a experiência da fazenda Bulcão, em Aimorés, mostrou que é plenamente viável a utopia de reflorestar. Salgado ficou tão feliz que encomendou a Gilberto Gil e o baiano compôs a canção *Reflorestar* para celebrar a conquista e para nos sensibilizar para o tema tão urgente, premente e candente ante às mudanças climáticas: “Manter em pé o que resta não basta/ Que alguém virá derubar o que resta/ O jeito é convencer quem devasta/ A respeitar a floresta/ Manter em pé o que resta não basta/ Que a motosserra voraz faz a festa/ O jeito é compreender que já basta/ E replantar a floresta”.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A. Press



O borboletário do Zoológico de Brasília possui de 800 a mil espécies e recebe cerca de 8 mil visitantes por mês. Em destaque, as borboletas-coruja (2ª, da esquerda para a direita)

» MANUELA SÁ*

Em diferentes tons de amarelo, azul, laranja e marrom, centenas de borboletas voam no borboletário do Zoológico de Brasília. O espaço, que, em 2025, completou 20 anos, é um convite para o público entrar em contato e conhecer 11 espécies desse inseto. O local reproduz características naturais para a melhor adaptação dos bichos. Com uma estrutura de telas, laguinhas e diferentes plantas, o espaço atrai cerca de oito mil frequentadores por mês.

Entre as espécies, destaca-se a borboleta-coruja pela grande quantidade e pela aparência. O nome popular faz referência ao desenho nas asas, que se assemelha aos olhos abertos dessa ave noturna. Ainda nas asas, os padrões também formam a cabeça de uma cobra, com olhos e narinas. Essas características conferem ao animal um aspecto ameaçador responsável por afastar predadores.

Reunidas na parte sombreada e úmida do espaço, as borboletas-coruja podem ser vistas voando e pousadas em massa em frutas apodrecidas, alimento dessa espécie. Quando se sentem ameaçadas, elas abrem as asas, evidenciando um tom vibrante de azul. Trata-se de outra característica responsável por evitar predadores. O uso de cores para se proteger não é exclusivo dessa espécie. Apesar de encantarem pela beleza, os tons chamativos desses insetos sinalizam aos outros animais que elas têm um gosto ruim.

Para passear pelo ambiente, os visitantes entram com um educador ambiental, responsável por guiar o grupo e dar mais detalhes sobre esses insetos. O chefe do Núcleo de Artrópodes do Zoo, Renan Cassemiro de Sousa, 33 anos, explica que esse acompanhamento é fundamental para a educação ambiental. O objetivo do espaço imersivo é fazer com que as pessoas aprendam sobre o valor das borboletas e possam sair da experiência capazes de passar informações para outras pessoas.

“O que a gente faz é abrir essa porta para o público entender o porquê de as borboletas estarem entrando em extinção. Em Brasília, temos muito privilégio, mas se você for para outros lugares, onde há muita agricultura, já não é mais possível ver borboletas. Quem é mais velho lembra que, antigamente, era possível ver vários desses bichos. Hoje em dia, a gente não tem mais a oportunidade de ver tantas”, relata Sousa.

O especialista, que descreve

Os diamantes do Cerrado

No Zoológico de Brasília, é possível ter contato direto com diferentes espécies de borboletas em um espaço imersivo que reúne plantas e estruturas para reproduzir o ambiente natural dos insetos



Espaço funciona de quarta-feira a domingo



O biólogo Renan de Sousa e a tratadora Gorete Leão

as borboletas como os diamantes do Cerrado, diz que, diante de ameaças como a mudança climática e a destruição de habitats, o Zoológico atua como

uma forma de preservar esses animais. “Uma borboleta que está aqui vai substituir, na questão da educação ambiental, as outras que estão fora. Se esse

bicho sumir da natureza, a gente tem um banco genético dele aqui”, explica.

O tratador Alan Rodrigues, 33, também destaca a impor-

tância da educação ambiental. “Eu acredito que ela é fundamental. Vejo que, em Brasília e no Brasil como um todo, há uma carência muito grande em compartilhar essas informações. Se pararmos para pensar, cada vez mais a gente vem destruindo os espaços desses animais de uma forma que, hoje, a gente não consegue mais ver esses bichos na cidade”, reflete.

Cuidados

Ele conta que cuidar das borboletas é um trabalho que exige muita dedicação. Seu interesse por esses pequenos animais se desenvolveu no Zoológico, mas sua curiosidade vem desde a infância por causa de sua mãe, que cuida de um jardim. “Ela adora plantas e flores. Sempre tem uns animais que visitam a gente. É algo bem legal”, comenta.

A também tratadora Gorete Leão, 58, detalha como funcionam os cuidados com as borboletas. No borboletário, é possível ver pequenos pontos brancos que contrastam com o verde de algumas plantas. Esses são os ovos colocados pelos insetos nas plantas hospedeiras. Cada espécie faz esse processo em uma planta específica. As espécies conhecidas como Sara, de asas longas em azul, preto e branco, e Júlia, que tem asas laranjas, colocam ovos apenas em pés de maracujá, por exemplo.

Todos os dias, os tratadores coletam esses ovos e levam para a Casa de Criação, outro espaço no Zoológico onde as borboletas passam pela fase larval e de metamorfose. Quando já viram borboleta, elas são liberadas no local. Gorete conta que, há dias, em que eles recolhem mais de cinco mil ovos.

Para Gorete, esse trabalho é muito gratificante. Segundo ela, a mágica do lugar está em sua beleza e em como o trabalho delicado é feito. “Eu acho que o carinho que a gente tem com o manejo daqui é o que faz o borboletário ser especial. Este é o lugar que mais tem frequentadores do Zoo. A beleza também é responsável por atrair vários visitantes. O verde, os laguinhas com os peixes, tudo deixa o borboletário muito bonito”, avalia.

O borboletário funciona de quarta-feira a domingo, das 9h às 12h e das 13h30 às 15h30. Para conhecer, basta comprar o ingresso de visitação do Zoo. É importante ficar atento porque, em dias de chuva, o local é fechado. Isso acontece porque as borboletas se escondem embaixo das folhas.

*Estagiária sob a supervisão de Tharsila Prates